

SARA AHMED

**VIVER
UMA
VIDA
FEMINISTA**

**TRADUÇÃO
JAMILLE PINHEIRO DIAS
MARIANA RUGGIERI
SHEYLA MIRANDA**

9 Nota da tradução

INTRODUÇÃO

11 **TRAZER A TEORIA FEMINISTA PARA CASA**

PARTE I

41 **TORNAR-SE FEMINISTA**

- 45 1. O feminismo é sensacional
- 77 2. Sobre como nos direcionam
- 111 3. Obstinação e subjetividade feminista

PARTE II

149 **O TRABALHO DE DIVERSIDADE**

- 155 4. Tentando transformar
- 187 5. Estar em questão
- 217 6. Paredes de tijolos

PARTE III

255 **VIVER AS CONSEQUÊNCIAS**

- 259 7. Conexões frágeis
- 295 8. Estalo feminista
- 334 9. Feminismo lésbico

CONCLUSÃO I

371 **KIT DE SOBREVIVÊNCIA ESTRAGA-PRAZERES**

CONCLUSÃO II

397 **MANIFESTO ESTRAGA-PRAZERES**

- 427 Agradecimentos
- 429 Referências bibliográficas
- 443 Sobre a autora

NOTA DA TRADUÇÃO

Em *Viver uma vida feminista*, Sara Ahmed trabalha com uma proposta de linguagem bastante lúdica. Tendo escrito o livro simultaneamente com um blog, ela parte de formas de expressão mais livres, fazendo uma série de jogos de palavras e experimentações semânticas. Nesta edição brasileira, priorizamos transmitir o sentido geral pretendido pela autora e, ao mesmo tempo, manter o tom corriqueiro da versão em inglês. Sempre que possível, buscamos reproduzir – ou reconstruir – os jogos de palavras criados por Ahmed, com suas rimas e polissemias, recorrendo a construções equivalentes e a aproximações em português. Para sinalizar esses casos e tornar a leitura mais participativa e compreensível, algumas palavras especialmente caras à autora foram incluídas, entre colchetes, em sua versão original em inglês, logo após a tradução, que varia conforme o sentido pretendido. Assim, quem lê a obra pode também, de certa forma, brincar de traduzi-la.

Outra questão importante que gostaríamos de ressaltar é a escolha de como traduzir para o português as expressões *brown* [marrom] e *person of color* [pessoa de cor], palavras de uso comum em inglês. A racialização dos corpos não ocorreu homogeneamente no mundo como um todo, de modo que traduzir esses termos também significa traduzir seus contextos. *Brown*, nos países anglófonos, se refere a pessoas que não são nem fenotipicamente brancas nem fenotipicamente negras, indicando que sua racialização está fundamentada no tom marrom de sua pele. *Pessoas de cor* (e suas derivações, como *mulheres de cor* e *homens de cor*), por sua

vez, se refere a todas as pessoas não brancas. A expressão pode abarcar uma ampla e diversa gama de pessoas, dentre as quais árabes, latinas, asiáticas (Sul e Sudeste Asiático) e indígenas, além de marrons e negras.

INTRODUÇÃO

TRAZER

A TEORIA

FEMINISTA

PARA CASA

O que você entende pela palavra *feminismo*? É uma palavra que me enche de esperança, de energia. Faz pensar em atos ruidosos de rebelião e recusa, faz pensar nas formas silenciosas que encontramos para renegar o que nos diminui. Faz pensar nas mulheres que se levantaram, que não se calaram, que arriscaram suas vidas, lares e relações na luta por mundos mais suportáveis. Faz pensar nos livros escritos, surrados e gastos, livros que colocaram algo em palavras, uma sensação, um sentimento de injustiça, livros que, ao colocar em palavras, nos deram forças para seguir em frente. Feminismo: modo como erguemos umas às outras. Tanta história em uma palavra; tanto que foi erguido graças a ela.

Escrevo este livro como uma forma de sustentar a promessa dessa palavra, de pensar o que significa viver a própria vida reivindicando para si essa palavra: ser feminista, tornar-se feminista, falar como feminista. Viver uma vida feminista não significa adotar uma série de ideais ou normas de conduta, embora possa significar fazer perguntas éticas sobre como viver melhor em um mundo injusto e desigual (em um mundo não feminista e antifeminista); como criar relações que sejam mais igualitárias; como descobrir formas de apoiar quem recebe pouco ou nenhum apoio dos sistemas sociais; como seguir confrontando histórias que se tornaram concretas, histórias que se tornaram tão sólidas quanto paredes.

Desde já vale ressaltar que a ideia de que o feminismo está relacionado a como viver, a um modo de pensar como viver, foi muitas vezes entendida como datada na história do feminismo, associada a uma pos-

tura que moraliza – ou mesmo polícia – o que se poderia chamar, ou o que se convencionou chamar, em geral com desprezo, de feminismo cultural. No capítulo 9, voltarei a essa política do desprezo. Não estou sugerindo aqui que essa versão do feminismo que faz policiamento moral – o tipo de feminismo que julgaria esta ou aquela prática (e, portanto, esta ou aquela pessoa) como antifeminista ou não feminista – seja simplesmente uma invenção. Eu ouvi esse julgamento; ele recaiu sobre meus próprios ombros.¹

Mas a figura da feminista que faz policiamento é promíscua por uma razão. É mais fácil rejeitar o feminismo quando ele é entendido como um movimento de rejeição; como sendo um movimento cujo objetivo é fazer com que as pessoas se sintam mal por seus desejos e esforços. A figura da policial feminista é evocada porque é útil; ouvir as feministas como se fossem policiais é uma forma de não ouvir o feminismo. Muitas figuras feministas são ferramentas antifeministas, ainda que possamos sempre dar a elas um novo uso para nossos próprios fins. Um modo de reutilizá-las poderia ser o seguinte: se identificar o sexismo é entendido como um comportamento que polícia, então seremos a polícia feminista. Note-se que reutilizar figuras antifeministas não significa estar de acordo com o julgamento (o de que questionar o sexismo é policiar), mas o contrário: significa que discordamos dessa premissa e a convertemos em uma promessa (se você acha que questionar o sexismo é policiar, então somos a polícia feminista).

Ao fazer do feminismo uma questão de vida, seremos julgadas como mulheres que julgam. Neste livro, recuso-me a relegar a questão de como viver uma vida feminista à história. Viver uma vida feminista é transformar tudo em algo passível de questionamento. A questão de como se vive uma vida feminista está viva enquanto questão e é uma questão de vida.

Se nos tornamos feministas por conta das desigualdades e injustiças do mundo, por conta do que o mundo não é, então que tipo de mundo

estamos construindo? Para construir moradas feministas, precisamos desmantelar o que já foi montado; precisamos nos perguntar contra o que nós nos posicionamos, a que nós somos favoráveis, com plena consciência de que este *nós* não é um alicerce pronto, mas algo pelo qual temos que trabalhar. Ao entender qual nosso propósito, entendemos também quem somos *nós*, esse significante esperançoso que constitui uma coletividade feminista. Onde existe esperança, existe dificuldade. As histórias feministas são sobre a dificuldade deste *nós*, a história de quem teve de lutar para fazer parte de um coletivo feminista ou, inclusive, de lutar contra um coletivo feminista para defender uma causa feminista. A esperança não existe às custas da luta, mas mobiliza a luta; graças à esperança, temos a sensação de que há algo pelo que trabalhar e, então, trabalhamos por isso. A esperança não aponta só, ou sempre, para o futuro, mas nos conduz quando o terreno é difícil, quando o caminho que trilhamos torna mais custoso seguir em frente.² A esperança nos dá respaldo quando precisamos trabalhar para que algo seja possível.

UM MOVIMENTO FEMINISTA

O feminismo é um movimento em muitos sentidos. Algo nos move a nos tornar feministas. Talvez este algo seja um sentimento de injustiça, de que existe alguma coisa errada, como exploro no capítulo 1. Um movimento feminista é um movimento político coletivo. Muitos feminismos significam muitos movimentos. Um coletivo é aquilo que não fica parado, mas que cria movimento e é criado por ele. Penso na ação feminista como ondulações na água, uma pequena onda, possivelmente criada

1 Quero dizer, literalmente: certa vez, quando eu estava no doutorado, uma feminista do corpo docente subiu as mangas da minha blusa de decote ombro a ombro e disse algo como: “E você se diz feminista”.

2 Para uma discussão mais aprofundada sobre a esperança em relação ao passado, ver meu livro *The Cultural Politics of Emotion*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2004.

por agitações no clima; aqui e ali, um movimento puxando o outro, outra ondulação, para fora, expansiva. Feminismo: o dinamismo de criar conexões. E, ainda assim, um movimento precisa ser construído. Fazer parte de um movimento demanda buscar lugares de encontro, lugares para estarmos juntas. Um movimento é também um refúgio. Encontramo-nos; temos um ponto de encontro. Um movimento vem à luz para transformar o que existe. Um movimento precisa se assentar em algum lugar. Um movimento não é só ou simplesmente um movimento; existe algo que precisa ficar quieto, em seu espaço próprio, se somos movidas a transformar o que existe.

É possível chamar um movimento de forte quando podemos testemunhar um impulso: mais pessoas se reúnem nas ruas, mais pessoas dão sua assinatura para protestar contra alguma coisa, mais pessoas usam um nome para se identificar. Acredito que nos últimos anos temos testemunhado o crescimento de um impulso em torno do feminismo, em manifestações globais contra a violência contra as mulheres; no número cada vez maior de livros populares sobre feminismo; na alta visibilidade do ativismo feminista nas redes sociais; em como a palavra *feminismo* pode incendiar o palco para mulheres artistas e celebridades como Beyoncé. Como professora, testemunhei esse crescimento em primeira mão: o aumento do número de estudantes que querem se identificar como feministas, que demandam que ministremos mais cursos sobre feminismo; e a quase espantosa popularidade dos eventos que organizamos sobre feminismo, principalmente sobre feminismo *queer* e feminismo trans. O feminismo tem a ver com mobilizar pessoas em torno de uma discussão.

Nem todo movimento feminista é detectado com tanta facilidade. Um movimento feminista nem sempre acontece em público. Um movimento feminista pode estar em curso no momento em que uma mulher desaba, naquele momento em que ela não aguenta mais (ver capítulo 8) a violência que satura seu mundo, um mundo. Um movimento feminista pode acontecer quando se estabelecem conexões entre pessoas que re-

conhecem determinada coisa – relações de poder, violência de gênero, gênero como violência – como algo que deve ser combatido, mesmo que usem palavras diferentes para identificar o que é. Se pensarmos no lema feminista da segunda onda, “o pessoal é político”, podemos pensar o feminismo como aquilo que acontece nos espaços historicamente delimitados como não políticos: nos acordos domésticos, em casa (cada ambiente da casa pode se tornar uma sala feminista), em quem faz o que e onde; do mesmo modo, nas ruas, no Congresso, na universidade. O feminismo está onde o feminismo precisa estar. O feminismo precisa estar em todos os lugares.

O feminismo precisa estar em todos os lugares porque o feminismo não está em todos os lugares. Onde está o feminismo? É uma boa pergunta. Podemos nos questionar: onde encontramos o feminismo, ou onde o feminismo nos encontra? Coloco essa questão como uma questão de vida na primeira parte deste livro. Uma história sempre começa antes que possa ser contada. Quando *feminismo* se tornou uma palavra que, além de falar com você, também falava de você, falava de sua existência, fazia você existir? Quando o som da palavra *feminismo* se tornou seu som? O que significou, o que significa, apoiar-se no feminismo, lutar em nome do feminismo; sentir nos altos e baixos do feminismo, nas idas e vindas do feminismo, os próprios altos e baixos, as próprias idas e vindas?

Quando reflito, neste livro, sobre minha vida feminista, pergunto “onde?”, mas também “em quem?”. Em quem encontrei o feminismo? Sempre vou me lembrar de uma conversa que tive na juventude, no final dos anos 1980. Foi uma conversa com minha tia Gulzar Bano. Penso nela como uma de minhas primeiras professoras feministas. Tinha dado a ela alguns poemas meus. Em um poema, usei *ele*. “Por que você usou *ele*”, ela me perguntou gentilmente, “quando poderia ter usado *ela*?”. A pergunta, feita com tanta afeição e gentileza, me deu uma grande dor de cabeça, uma grande tristeza por perceber que as palavras, assim como os mundos que eu pensava estarem de portas abertas para mim, não estavam abertos de forma alguma. *Ele* não inclui *ela*. A lição se torna um

SOBRE A AUTORA

SARA AHMED nasceu em 30 de agosto de 1969 em Salford, na Inglaterra. Filha de pai paquistanês e mãe inglesa, migrou com sua família para Adelaide, na Austrália, no início da década de 1970, onde cresceu. É graduada em inglês, filosofia e história (1990) pela Universidade de Adelaide e doutora (1995) pelo Centre for Critical and Cultural Theory, na Universidade de Cardiff. Iniciou sua carreira acadêmica na Universidade de Lancaster, no Reino Unido, onde atuou na área de Estudos de Mulheres entre 1994 e 2004. Foi professora visitante de diversas universidades, entre elas a de Sydney, na Austrália, e a Rutgers, em New Jersey, Estados Unidos. Entre 2005 e 2016, foi professora de Estudos Culturais e Raciais na Goldsmiths, Universidade de Londres, onde também dirigiu o Centro para a Pesquisa Feminista. Ao longo do processo de escrita deste livro, participou do grupo de trabalho que buscava enfrentar o assédio sexual no ambiente universitário britânico. Decepcionada com a cultura institucional que impedia a percepção e a solução do problema, e em solidariedade às vítimas, optou por se demitir de seu cargo na Goldsmiths.

É autora de diversos livros e desde 2016 atua como pesquisadora independente, dando palestras e organizando seminários e *workshops*. Mora em um vilarejo em Cambridgeshire, no Reino Unido, com sua parceira Sarah Franklin e suas cachorras Poppy e Bluebell.

OBRAS SELECCIONADAS

Willful Subjects. Durham: Duke University Press, 2014.

On Being Included: Racism and Diversity in Institutional Life. Durham: Duke University Press, 2012.

The Promise of Happiness. Durham: Duke University Press, 2010.

Queer Phenomenology: Orientations, Objects, Others. Durham: Duke University Press, 2006.

The Cultural Politics of Emotion. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2004.

Strange Encounters: Embodied Others in Post-coloniality. London: Routledge, 2000.

Differences That Matter: Feminist Theory and Postmodernism. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

Título original: *Living a Feminist Life*

© Duke University Press, 2017

© Ubu Editora, 2022

ILUSTRAÇÃO DA CAPA © Maria Conejo

*Nesta edição, respeitou-se o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva – CRB-8 / 9410

A286v Ahmed, Sara
Viver uma vida feminista / Sara Ahmed ; traduzido
por Jamille Pinheiro Dias, Sheyla Miranda, Mariana
Ruggieri. – São Paulo: Ubu Editora, 2022. 448 pp.
ISBN 978 65 86497 67 0

1. Feminismo. 2. Sociologia. 3. Política. I. Dias, Jamille
Pinheiro. II. Miranda, Sheyla. III. Ruggieri, Mariana.
IV. Título.

2022-508 CDD 305.42 CDU 396

Índice para catálogo sistemático:

1. Feminismo 305.42
 2. Feminismo 396
-

EDIÇÃO DE TEXTO Bibiana Leme

PREPARAÇÃO Gabriela Naigeborin

REVISÃO Débora Donadel, Fabiana Pellegrini e Orlinda Teruya

DESIGN DE CAPA Elisa von Randow

EQUIPE UBU

DIREÇÃO EDITORIAL Florencia Ferrari

COORDENAÇÃO GERAL Isabela Sanches

DIREÇÃO DE ARTE Elaine Ramos, Lívia Takemura (assistente)

EDITORIAL Bibiana Leme, Gabriela Naigeborin, Júlia Knaipp

COMERCIAL Luciana Mazolini, Anna Fournier (assistente)

CRIAÇÃO DE CONTEÚDO / CIRCUITO UBU Maria Chiaretti,

Walmir Lacerda (assistente)

GESTÃO SITE / CIRCUITO UBU Beatriz Lourenção

DESIGN DE COMUNICAÇÃO Júlia França, Lívia Takemura

ATENDIMENTO Laís Matias, Micaely Silva

PRODUÇÃO GRÁFICA Marina Ambrasas



UBU EDITORA

Largo do Arouche 161 sobreloja 2

01219 011 São Paulo SP

ubueditora.com.br

professor@ubueditora.com.br

  /ubueditora